

# ARQUEOLOGIA EM PORTUGAL

2020 – Estado da Questão

Coordenação editorial: José Morais Arnaud, César Neves e Andrea Martins  
Design gráfico: Flatland Design

AAP – ISBN: 978-972-9451-89-8  
CITCEM – ISBN: 978-989-8970-25-1

Associação dos Arqueólogos Portugueses e CITCEM  
Lisboa, 2020

O conteúdo dos artigos é da inteira responsabilidade dos autores. Sendo assim a Associação dos Arqueólogos Portugueses declina qualquer responsabilidade por eventuais equívocos ou questões de ordem ética e legal.

Desenho de capa:  
Planta do castro de Monte Mozinho (Museu Municipal de Penafiel).

  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

 CITCEM  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

 Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

 PORTO  
FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio

 museu  
MUSEU MUNICIPAL DE PENAFIEL



# Índice

- 15 Prefácio  
José Morais Arnaud

## 1. Historiografia e Teoria

- 17 Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)  
Ana Cristina Martins
- 25 Como descolonizar a arqueologia portuguesa?  
Rui Gomes Coelho
- 41 Arqueologia e Modernidade: uma revisitação pessoal e breve de alguns aspetos da obra homónima de Julian Thomas de 2004  
Vitor Oliveira Jorge
- 57 Dados para a História das Mulheres na Arqueologia portuguesa, dos finais do século XIX aos inícios do século XX: números, nomes e tabelas  
Filipa Dimas / Mariana Diniz
- 73 Retractos da arqueologia portuguesa na imprensa: (in)visibilidades no feminino  
Catarina Costeira / Elsa Luís
- 85 Arqueologia e Arqueólogos no Norte de Portugal  
Jacinta Bugalhão
- 101 Vieira Guimarães (1864-1939) e a arqueologia em Tomar: uma abordagem sobre o território e as gentes  
João Amendoeira Peixoto / Ana Cristina Martins
- 115 *Os memoráveis?* A arqueologia algarvia na imprensa nacional e regional na presente centúria (2001-2019): características, visões do(s) passado(s) e a arqueologia enquanto *marca*  
Frederico Agosto / João Silva
- 129 A Evolução da Arqueologia Urbana e a Valorização Patrimonial no Barlavento Algarvio: Os casos de Portimão e Silves  
Artur Mateus / Diogo Varandas / Rafael Boavida

## 2. Gestão, Valorização e Salvaguarda do Património

- 145 O Caderno Reivindicativo e as condições de trabalho em Arqueologia  
Miguel Rocha / Liliana Matias Carvalho / Regis Barbosa / Mauro Correia / Sara Simões / Jacinta Bugalhão / Sara Brito / Liliana Veríssimo Carvalho / Richard Peace / Pedro Peça / Cézer Santos
- 155 Os Estudos de Impacte Patrimonial como elemento para uma estratégia sustentável de minimização de impactes no âmbito de reconversões agrícolas  
Tiago do Pereiro
- 165 Salvaguarda de Património arqueológico em operações florestais: gestão e sensibilização  
Filipa Bragança / Gertrudes Zambujo / Sandra Lourenço / Belém Paiva / Carlos Banha / Frederico Tatá Regala / Helena Moura / Jacinta Bugalhão / João Marques / José Correia / Pedro Faria / Samuel Melro
- 179 Os valores do Património: uma investigação sobre os Sítios Pré-históricos de Arte Ruprestre do Vale do Rio Côa e de Siega Verde  
José Paulo Francisco

- 189 Conjugando recursos arqueológicos e naturais para potenciar as visitas ao Geoparque Litoral de Viana do Castelo (Noroeste de Portugal)  
Hugo A. Sampaio / Ana M.S. Bettencourt / Susana Marinho / Ricardo Carvalho
- 203 Áreas de Potencial Arqueológico na Região do Médio Tejo: Modelo Espacial Preditivo  
Rita Ferreira Anastácio / Ana Filipa Martins / Luiz Oosterbeek
- 223 Património Arqueológico e Gestão Territorial: O contributo da Arqueologia para a revisão do PDM de Avis  
Ana Cristina Ribeiro
- 237 A coleção arqueológica do extinto Museu Municipal do Porto – Origens, Percursos e Estudos  
Sónia Couto
- 251 Valpaços – uma nova carta arqueológica  
Pedro Pereira / Maria de Fátima Casares Machado
- 263 Arqueologia na Cidade de Peniche  
Adriano Constantino / Luís Rendeiro
- 273 Arqueologia Urbana: a cidade de Lagos como caso de Estudo  
Cátia Neto
- 285 Estratégias de promoção do património cultural subaquático nos Açores. O caso da ilha do Faial  
José Luís Neto / José Bettencourt / Luís Borges / Pedro Parreira
- 297 Carta Arqueológica da Cidade Velha: Uma primeira abordagem  
Jaylson Monteiro / Nireide Tavares / Sara da Veiga / Claudino Ramos / Edson Brito / Carlos Carvalho / Francisco Moreira / Adalberto Tavares
- 311 Antropologia Virtual: novas metodologias para a análise morfológica e funcional  
Ricardo Miguel Godinho / Célia Gonçalves

### **3. Didáctica da Arqueologia**

- 327 Como os projetos de Arqueologia podem contribuir para uma comunidade culturalmente mais consciente  
Alexandra Figueiredo / Cláudio Monteiro / Adolfo Silveira / Ricardo Lopes
- 337 Educação Patrimonial – Um cidadão esclarecido é um cidadão ativo!  
Ana Paula Almeida
- 351 A aproximação da Arqueologia à sala de aula: um caso de estudo no 3º ciclo do Ensino Básico  
Luís Serrão Gil
- 363 *Arqueologia 3.0* – Pensar e comunicar a Arqueologia para um futuro sustentável  
Mónica Rolo
- 377 “Conversa de Arqueólogos” – Divulgar a Arqueologia em tempos de Pandemia  
Diogo Teixeira Dias
- 389 Escola Profissional de Arqueologia: desafios e oportunidades  
Susana Nunes / Dulcineia Pinto / Júlia Silva / Ana Mascarenhas
- 399 Os Museus de Arqueologia e os Jovens: a oferta educativa para o público adolescente  
Beatriz Correia Barata / Leonor Medeiros
- 411 O museu universitário como mediador entre a ciência e a sociedade: o exemplo da secção de arqueologia no Museu de História Natural e da Ciência da Universidade do Porto (MHNC-UP)  
Rita Gaspar

- 421 Museu de Lanifícios: Real Fábrica de Panos. Atividades no âmbito da Arqueologia  
Beatriz Correia Barata / Rita Salvado
- 427 Arqueologia Pública e o caso da localidade da Mata (Torres Novas)  
Cláudia Manso / Ana Rita Ferreira / Cristiana Ferreira / Vanessa Cardoso Antunes
- 431 Do sítio arqueológico ao museu: um percurso (também) didático  
Lídia Fernandes
- 447 Estão todos convidados para a Festa! E para dançar também. . . O projecto do Serviço Educativo do Museu Arqueológico do Carmo na 5ª Edição da Festa da Arqueologia  
Rita Pires dos Santos
- 459 O “Clã de Carenque”, um projeto didático de arqueologia  
Eduardo Gonzalez Rocha
- 469 Mediação cultural: peixe que puxa carroça nas Ruínas Romanas de Troia  
Inês Vaz Pinto / Ana Patrícia Magalhães / Patrícia Brum / Filipa Santos
- 481 Didática Arqueológica, experiências do Projeto Mértola Vila Museu  
Maria de Fátima Palma / Clara Rodrigues / Susana Gómez / Lígia Rafael

#### **4. Arte Rupestre**

- 497 Os inventários de arte rupestre em Portugal  
Mila Simões de Abreu
- 513 O projeto FIRST-ART – conservação, documentação e gestão das primeiras manifestações de arte rupestre no Sudoeste da Península Ibérica: as grutas do Escoural e Maltravieso  
Sara Garcês / Hipólito Collado / José Julio García Arranz / Luiz Oosterbeek / António Carlos Silva / Pierluigi Rosina / Hugo Gomes / Anabela Borralheiro Pereira / George Nash / Esmeralda Gomes / Nelson Almeida / Carlos Carpetudo
- 523 Trabalhos de documentação de arte paleolítica realizados no âmbito do projeto PalæoCôa  
André Tomás Santos / António Fernando Barbosa / Luís Luís / Marcelo Silvestre / Thierry Aubry
- 537 Imagens fantasmagóricas, silhuetas elusivas: as figuras humanas na arte do Paleolítico Superior da região do Côa  
Mário Reis
- 551 Os motivos zoomórficos representados nas placas de tear de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal)  
Andrea Martins / César Neves / José M. Arnaud / Mariana Diniz
- 571 Arte Rupestre do Monte de Góios (Lanhelas, Caminha). Síntese dos resultados dos trabalhos efectuados em 2007-2009  
Mário Varela Gomes
- 599 Gravuras rupestres de barquiformes no Monte de S. Romão, Guimarães, Noroeste de Portugal  
Daniela Cardoso
- 613 Círculos segmentados gravados na Bacia do Rio Lima (Noroeste de Portugal): contributos para o seu estudo  
Diogo Marinho / Ana M.S. Bettencourt / Hugo Aluai Sampaio
- 631 Equídeos gravados no curso inferior do Rio Mouro, Monção (NW Portugal). Análise preliminar  
Coutinho, L.M. / Bettencourt, A.M.S / Sampaio, Hugo A.S
- 645 Paletas na Arte Rupestre do Noroeste de Portugal. Inventário preliminar  
Bruna Sousa Afonso / Ana M. S. Bettencourt / Hugo A. Sampaio

## 5. Pré-História

- 661 O projeto Miño/Minho: balanço de quatro anos de trabalhos arqueológicos  
Sérgio Monteiro-Rodrigues / João Pedro Cunha-Ribeiro / Eduardo Méndez-Quintas / Carlos Ferreira / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 677 A ocupação paleolítica da margem esquerda do Baixo Minho: a indústria lítica do sítio de Pedreiras 2 (Monção, Portugal) e a sua integração no contexto regional  
Carlos Ferreira / João Pedro Cunha-Ribeiro / Sérgio Monteiro-Rodrigues / Eduardo Méndez-Quintas / Pedro Xavier / José Meireles / Alberto Gomes / Manuel Santonja / Alfredo Pérez-González
- 693 O sítio acheulense do Plistocénico médio da Gruta da Aroeira  
Joan Daura / Montserrat Sanz / Filipa Rodrigues / Pedro Souto / João Zilhão
- 703 As sociedades neandertais no Barlavento algarvio: modelos preditivos com recurso aos SIG  
Daniela Maio
- 715 A utilização de quartzo durante o Paleolítico Superior no território dos vales dos rios Vouga e Côa  
Cristina Gameiro / Thierry Aubry / Bárbara Costa / Sérgio Gomes / Luís Luís / Carmen Manzano / André Tomás Santos
- 733 Uma perspetiva diacrónica da ocupação do concheiro do Cabeço da Amoreira (Muge, Portugal) a partir da tecnologia lítica  
Joana Belmiro / João Cascalheira / Célia Gonçalves
- 745 Novos dados sobre a Pré-história Antiga no concelho de Palmela. A intervenção arqueológica no sítio do Poceirão I  
Michelle Teixeira Santos
- 757 Problemas em torno de Datas Absolutas Pré-Históricas no Norte do Alentejo  
Jorge de Oliveira
- 771 Povoamento pré-histórico nas áreas montanhosas do NO de Portugal: o Abrigo 1 de Vale de Cerdeira  
Pedro Xavier / José Meireles / Carlos Alves
- 783 Apreciação do povoamento do Neolítico Inicial na Baixa Bacia do Douro. A Lavra I (Serra da Aboboreira) como caso de estudo  
Maria de Jesus Sanches
- 797 O Processo de Neolitização na Plataforma do Mondego: os dados do Sector C do Outeiro dos Castelos de Beijós (Carregal do Sal)  
João Carlos de Senna-Martinez / José Manuel Quintã Ventura / Andreia Carvalho / Cíntia Maurício
- 823 Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)  
Filipa Rodrigues / Pedro Souto / Artur Ferreira / Alexandre Varanda / Luís Gomes / Helena Gomes / João Zilhão
- 837 A pedra polida e afeiçoada do sítio do Neolítico médio da Moita do Ourives (Benavente, Portugal)  
César Neves
- 857 Casal do Outeiro (Encarnação, Mafra): novos contributos para o conhecimento do povoamento do Neolítico final na Península de Lisboa.  
Cátia Delicado / Carlos Maneira e Costa / Marta Miranda / Ana Catarina Sousa
- 873 Stresse infantil, morbidade e mortalidade no sítio arqueológico do Neolítico Final/Calcolítico (4<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> milénio a.C.) do Monte do Carrascal 2 (Ferreira do Alentejo, Beja)  
Liliana Matias de Carvalho / Sofia N. Wasterlain

- 885 *Come together*: O Conjunto Megalítico das Motas (Monção, Viana do Castelo) e as expressões Campaniformes do Alto Minho  
Ana Catarina Basílio / Rui Ramos
- 899 Trabalhos arqueológicos no sítio Calcolítico da Pedreira do Poio  
Carla Magalhães / João Muralha / Mário Reis / António Batarida Fernandes
- 913 O sítio arqueológico de Castanheiro do Vento. Da arquitectura do sítio à arquitectura de um território  
João Muralha Cardoso
- 925 Estudo zooarqueológico das faunas do Calcolítico final de Vila Nova de São Pedro (Azambuja, Portugal): Campanhas de 2017 e 2018  
Cleia Detry / Ana Catarina Francisco / Mariana Diniz / Andrea Martins / César Neves / José Morais Arnaud
- 943 As faunas depositadas no Museu Arqueológico do Carmo provenientes de Vila Nova de São Pedro (Azambuja): as campanhas de 1937 a 1967  
Ana Catarina Francisco / Cleia Detry / César Neves / Andrea Martins / Mariana Diniz / José Morais Arnaud
- 959 Análise funcional de material lítico em sílex do castro de Vila Nova de S. Pedro (Azambuja, Portugal): uma primeira abordagem  
Rafael Lima
- 971 O recinto da Folha do Ouro 1 (Serpa) no contexto dos recintos de fossos calcolíticos alentejanos  
António Carlos Valera / Tiago do Pereiro / Pedro Valério / António M. Monge Soares

## 6. Proto-História

- 987 Produção de sal marinho na Idade do Bronze do noroeste Português. Alguns dados para uma reflexão  
Ana M. S. Bettencourt / Sara Luz / Nuno Oliveira / Pedro P. Simões / Maria Isabel C. Alves / Emílio Abad-Vidal
- 1001 A estátua-menir do Pedrão ou de São Bartolomeu do Mar (Esposende, noroeste de Portugal) no contexto arqueológico da fachada costeira de entre os rios Neiva e Cávado  
Ana M. S. Bettencourt / Manuel Santos-Estévez / Pedro Pimenta Simões / Luís Gonçalves
- 1015 O *Castro do Muro* (Vandoma/Baltar, Paredes) – notas para uma biografia de ocupação da Idade do Bronze à Idade Média  
Maria Antónia D. Silva / Ana M. S. Bettencourt / António Manuel S. P. Silva / Natália Félix
- 1031 Do Bronze Final à Idade Média – continuidades e hiatos na ocupação de Povoados em Oliveira de Azeméis  
João Tiago Tavares / Adriaan de Man
- 1041 As faunas do final da Idade do Bronze no Sul de Portugal: leituras desde o Outeiro do Circo (Beja)  
Nelson J. Almeida / Íris Dias / Cleia Detry / Eduardo Porfírio / Miguel Serra
- 1055 A Espada do Monte das Oliveiras (Serpa) – uma arma do Bronze Pleno do Sudoeste  
Rui M. G. Monge Soares / Pedro Valério / Mariana Nabais / António M. Monge Soares
- 1065 São Julião da Branca (Albergaria-a-Velha) - Investigação e valorização de um povoado do Bronze Final  
António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Sara Almeida e Silva / Edite Martins de Sá
- 1083 Do castro de S. João ao Mosteiro de Santa Clara: notícia de uma intervenção arqueológica, em Vila do Conde  
Rui Pinheiro

- 1095 O castro de Ovil (Espinho), um quarto de século de investigação – resultados e questões em aberto  
Jorge Fernando Salvador / António Manuel S. P. Silva
- 1111 O Castro de Salreu (Estarreja), um povoado proto-histórico no litoral do Entre Douro e Vouga  
Sara Almeida e Silva / António Manuel S. P. Silva / Paulo A. P. Lemos / Edite Martins de Sá
- 1127 Castro de Nossa Senhora das Necessidades (Sernancelhe): uma primeira análise artefactual  
Telma Susana O. Ribeiro
- 1141 A cidade de Bagunte. O estado atual da investigação  
Pedro Brochado de Almeida
- 1153 Zoomorfos na cerâmica da Idade do Ferro no NW Peninsular: inventário, cronologias e significado  
Nuno Oliveira / Cristina Seoane
- 1163 Vasos gregos em Portugal: diferentes maneiras de contar a história do intercâmbio cultural na Idade do Ferro  
Daniela Ferreira
- 1175 Os *exotica* da necrópole da Idade do Ferro do Olival do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) no seu contexto regional  
Francisco B. Gomes

## 7. Antiguidade Clássica e Tardia

- 1191 O uso de madeira como combustível no sítio da Quinta de Crestelos (Baixo Sabor): da Idade do Ferro à Romanização  
Filipe Vaz / João Tereso / Sérgio Simões Pereira / José Sastre / Javier Larrazabal Galarza / Susana Cosme / José António Pereira / Israel Espi
- 1207 Cultivos de Época Romana no Baixo Sabor: continuidade em tempos de mudança?  
João Pedro Tereso / Sérgio Simões Pereira / Filipe Santos / Luís Seabra / Filipe Vaz
- 1221 A casa romana na Hispânia: aplicação dos modelos itálicos nas províncias ibéricas  
Fernanda Magalhães / Diego Machado / Manuela Martins
- 1235 As pinturas murais romanas da Rua General Sousa Machado, n.º 51, Chaves  
José Carvalho
- 1243 Trás do Castelo (Vale de Mir, Pegarinhos, Alijó) – Uma exploração agrícola romana do Douro  
Tony Silvino / Pedro Pereira
- 1255 A sequência de ocupação no quadrante sudeste de *Bracara Augusta*: as transformações de uma unidade doméstica  
Lara Fernandes / Manuela Martins
- 1263 Os Mosaicos com decoração geométrica e geométrico-vegetalista dos sítios arqueológicos da área do *Conuentus Bracaraugustanus*. Novas abordagens quanto à conservação, restauro, decoração e datação  
Maria de Fátima Abraços / Licínia Wrench
- 1277 “Casa Romana” do Castro de São Domingos (Crestelos, Lousada): Escavação, Estudo e Musealização  
Paulo André de P. Lemos
- 1291 A arqueobotânica no Castro de Guifões (Matosinhos, Noroeste de Portugal): O primeiro estudo carpológico  
Luís Seabra / Andreia Arezes / Catarina Magalhães / José Varela / João Pedro Tereso

- 1305 Um *Horreum* Augustano na Foz do Douro (Monte do Castelo de Gaia, Vila Nova de Gaia)  
Rui Ramos
- 1311 Ponderais romanos na Lusitânia: padrões, formas, materiais e contextos de utilização  
Diego Barrios Rodríguez
- 1323 Um almofariz centro-italico na foz do Mondego  
Marco Penajoia
- 1335 Estruturas romanas de Carnide – Lisboa  
Luísa Batalha / Mário Monteiro / Guilherme Cardoso
- 1347 O contexto funerário do sector da “necrópole NO” da Rua das Portas de S. Antão (Lisboa):  
o espaço, os artefactos, os indivíduos e a sua interconectividade na interpretação do passado  
Sílvia Loja, José Carlos Quaresma, Nelson Cabaço, Marina Lourenço, Sílvia Casimiro,  
Rodrigo Banha da Silva, Francisca Alves-Cardoso
- 1361 Povoamento em época Romana na Amadora – resultados de um projeto pluridisciplinar  
Gisela Encarnação / Vanessa Dias
- 1371 A Arquitectura Residencial em *Mirobriga* (Santiago do Cacém): contributo a partir  
de um estudo de caso  
Filipe Sousa / Catarina Felício
- 1385 O fim do ciclo. Saneamento e gestão de resíduos nos edifícios termais de *Mirobriga*  
(Santiago do Cacém)  
Catarina Felício / Filipe Sousa
- 1399 *Balsa*, Topografia e Urbanismo de uma Cidade Portuária  
Vitor Silva Dias / João Pedro Bernardes / Celso Candeias / Cristina Tété Garcia
- 1413 No Largo das Mouras Velhas em Faro (2017): novas evidências da necrópole norte  
de *Ossonoba* e da sua ocupação medieval  
Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho / Fernando Santos / Liliana Nunes
- 1429 Instrumentos de pesca recuperados numa fábrica de salga em *Ossonoba* (Faro)  
Inês Rasteiro / Ricardo Costeira da Silva / Paulo Botelho
- 1439 A Necrópole Romana do Eirô, Duas Igrejas (Penafiel): intervenção arqueológica de 2016  
Laura Sousa / Teresa Soeiro
- 1457 Ritual, descarte ou afetividade? A presença de *Canis lupus familiaris* na Necrópole  
Noroeste de *Olisipo* (Lisboa)  
Beatriz Calapez Santos / Sofia Simões Pereira / Rodrigo Banha da Silva / Sílvia Casimiro /  
Cleia Detry / Francisca Alves Cardoso
- 1467 Dinâmicas económicas em *Bracara* na Antiguidade Tardia  
Diego Machado / Manuela Martins / Fernanda Magalhães / Natália Botica
- 1479 Cerâmicas e Vidros da Antiguidade Tardia do Edifício sob a Igreja do Bom Jesus  
(Vila Nova de Gaia)  
Joaquim Filipe Ramos
- 1493 Novos contributos para a topografia histórica de Mértola no período romano e na  
Antiguidade Tardia  
Virgílio Lopes

## 8. Época Medieval

- 1511 Cerâmicas islâmicas no Garb setentrional “português”: algumas evidências e incógnitas  
Constança dos Santos / Helena Catarino / Susana Gómez / Maria José Gonçalves / Isabel Inácio /  
Gonçalo Lopes / Jacinta Bugalhão / Sandra Cavaco / Jaquelina Covaneiro / Isabel Cristina Fernandes /  
Ana Sofia Gomes

- 1525 Contributo para o conhecimento da cosmética islâmica, em Silves, durante a Idade Média  
Rosa Varela Gomes
- 1537 Yábura e o seu território – uma análise histórico-arqueológica de Évora entre os séculos VIII-XII  
José Rui Santos
- 1547 A encosta sul do Castelo de Palmela – resultados preliminares da escavação arqueológica  
Luís Filipe Pereira / Michelle Teixeira Santos
- 1559 A igreja de São Lourenço (Mouraria, Lisboa): um conjunto de silos e de cerâmica medieval islâmica  
Andreia Filipa Moreira Rodrigues
- 1571 O registo material de movimentações populacionais no Médio Tejo, durante os séculos XII-XIII. Dois casos de “sunken featured buildings”, nos concelhos de Cartaxo e Torres Novas  
Marco Liberato / Helena Santos / Nuno Santos
- 1585 O nordeste transmontano nos alvares da Idade média. Notas para reflexão  
Ana Maria da Costa Oliveira
- 1601 Sepulturas escavadas na rocha do Norte de Portugal e do Vale do Douro: primeiros resultados do Projecto SER-NPVD  
Mário Jorge Barroca / César Guedes / Andreia Arezes / Ana Maria Oliveira
- 1619 “*Portucalem Castrum Novum*” entre o Mediterrâneo e o Atlântico: o estudo dos materiais cerâmicos alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5 (Porto)  
João Luís Veloso
- 1627 A Alta Idade Média na fronteira de Lafões: notas preliminares sobre a Arqueologia no Concelho de Vouzela  
Manuel Luís Real / Catarina Tente
- 1641 Um conjunto cerâmico medieval fora de portas: um breve testemunho aveirense  
Susana Temudo
- 1651 Os Lóios do Porto: uma perspetiva integrada no panorama funerário da Baixa Idade Média à Época Moderna em meios urbanos em Portugal  
Ana Lema Seabra
- 1659 O Caminho Português Interior de Santiago como eixo viário na Idade Média  
Pedro Azevedo
- 1665 Morfologia Urbana: Um exercício em torno do Castelo de Ourém  
André Donas-Botto / Jaqueline Pereira
- 1677 Intervenção arqueológica na Rua Marquês de Pombal/Largo do Espírito Santo (Bucelas, Loures)  
Florbel Estêvão / Nathalie Antunes-Ferreira / Dário Ramos Neves / Inês Lisboa
- 1691 O Cemitério Medieval do Poço do Borratém e a espacialidade funerária na cidade de Lisboa  
Inês Belém / Vanessa Filipe / Vasco Noronha Vieira / Sónia Ferro / Rodrigo Banha da Silva
- 1705 Um Espaço Funerário Conventual do séc. XV em Lisboa: o caso do Convento de São Domingos da Cidade  
Sérgio Pedroso / Sílvia Casimiro / Rodrigo Banha da Silva / Francisca Alves Cardoso

## **9. Época Moderna e Contemporânea**

- 1721 Arqueologia Moderna em Portugal: algumas reflexões críticas em torno da quantificação de conjuntos cerâmicos e suas inferências históricas e antropológicas  
Rodrigo Banha da Silva / André Bargão / Sara da Cruz Ferreira
- 1733 Faianças de dois contextos entre os finais do século XVI e XVIII do Palácio dos Condes de Penafiel, Lisboa  
Martim Lopes / Tomás Mesquita

- 1747 Um perfil de consumo do século XVIII na foz do Tejo: O caso do Mercado da Ribeira, Lisboa  
Sara da Cruz Ferreira / Rodrigo Banha da Silva / André Bargão
- 1761 Os Cachimbos dos Séculos XVII e XVIII do Palácio Mesquitela e Convento dos Inglesinhos  
(Lisboa)  
Inês Simão / Marina Pinto / João Pimenta / Sara da Cruz Ferreira / André Bargão / Rodrigo Banha da Silva
- 1775 «*Tomar os fumos da erua que chamão em Portugal erua sancta*». Estudo de Cachimbos  
provenientes da Rua do Terreiro do Trigo, Lisboa  
Miguel Martins de Sousa / José Pedro Henriques / Vanessa Galiza Filipe
- 1787 Cachimbos de Barro Caulínítico da Sé da Cidade Velha (República de Cabo Verde)  
Rodrigo Banha da Silva / João Pimenta / Clementino Amaro
- 1801 Algumas considerações sobre espólio não cerâmico recuperado no Largo de Jesus (Lisboa)  
Carlos Boavida
- 1815 Adereços de vidro, dos séculos XVI-XVIII, procedentes do antigo Convento de Santana  
de Lisboa (anéis, braceletes e contas)  
Joana Gonçalves / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes
- 1837 Da ostentação, luxo e poder à simplicidade do uso quotidiano: arqueologia e simbologia  
de joias e adornos da Idade Moderna Portuguesa  
Jéssica Iglésias
- 1849 Os amuletos em Portugal – dos objetos às superstições: o coral vermelho  
Alexandra Vieira
- 1865 Cerâmicas de Vila Franca de Xira nos séculos XV e XVI  
Eva Pires
- 1879 «Não passa por teu o que me pertence». Marcas de individualização associadas a faianças  
do Convento de Nossa Senhora de Aracoeli, Alcácer do Sal  
Catarina Parreira / Íris Fragoso / Miguel Martins de Sousa
- 1891 Cerâmica de Leiria: alguns focos de produção  
Jaqueline Pereira / André Donas-Botto
- 1901 Os Fornos na Rua da Biquinha, em Óbidos  
Hugo Silva / Filipe Oliveira
- 1909 A casa de Pêro Fernandes, contador dos contos de D. Manuel I: o sítio arqueológico da Silha  
do Alferes, Seixal (século XVI)  
Mariana Nunes Ferreira
- 1921 O Alto da Vigia (Sintra) e a vigilância e defesa da costa  
Alexandre Gonçalves / Sandra Santos
- 1937 O contexto da torre sineira da Igreja de Santa Maria de Loures  
Paulo Calaveira / Martim Lopes
- 1949 A Necrópole do Hospital Militar do Castelo de São Jorge e as práticas funerárias na Lisboa  
de Época Moderna  
Susana Henriques / Liliana Matias de Carvalho / Ana Amarante / Sofia N. Wasterlain
- 1963 SAND – Sarilhos Grandes Entre dois Mundos: o adro da Igreja e a Paleobiologia dos ossos  
humanos recuperados  
Paula Alves Pereira / Roger Lee Jesus / Bruno M. Magalhães
- 1975 Expansão urbana da vila de Cascais no século XVII e XVIII: a intervenção arqueológica  
na Rua da Vitória nº 15 a 17  
Tiago Pereira / Vanessa Filipe
- 1987 Novos dados para o conhecimento do Urbanismo de Faro em época Moderna  
Ana Rosa

- 1995 Um exemplo de Arqueologia Urbana em Alcoutim: o Antigo Edifício dos CTT  
Marco Fernandes / Marta Dias / Alexandra Gradim / Virgílio Lopes / Susana Gómez Martínez
- 2007 Palácio dos Ferrazes (Rua das Flores/Rua da Vitória, Porto): a cocheira de Domingos Oliveira Maia  
Francisco Raimundo
- 2021 As muitas vidas de um edifício urbano: História, Arqueologia e Antropologia no antigo Recreatório Paroquial de Penafiel  
Helena Bernardo / Jorge Sampaio / Marta Borges
- 2035 O convento de Nossa Senhora da Esperança de Ponta Delgada: o contributo da arqueologia para o conhecimento de um monumento identitário  
João Gonçalves Araújo / N'Zinga Oliveira
- 2047 Arqueologia na ilha do Corvo... em busca da capela de Nossa Senhora do Rosário  
Tânia Manuel Casimiro / José Luís Neto / Luís Borges / Pedro Parreira
- 2059 Perdidos à vista da Costa. Trabalhos arqueológicos subaquáticos na Barra do Tejo  
Jorge Freire / José Bettencourt / Augusto Salgado
- 2071 Arqueologia marítima em Cabo Verde: enquadramento e primeiros resultados do projecto CONCHA  
José Bettencourt / Adilson Dias / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Cristóvão Fonseca / Dúnia Pereira / Gonçalo Lopes / Inês Coelho / Jaylson Monteiro / José Lima / Maria Eugénia Alves / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2085 Trabalhos arqueológicos na Cidade Velha (Ribeira Grande de Santiago, Cabo Verde): reflexões sobre um projecto de investigação e divulgação patrimonial  
André Teixeira / Jaylson Monteiro / Mariana Mateus / Nireide Tavares / Cristóvão Fonseca / Gonçalo C. Lopes / Joana Bento Torres / Dúnia Pereira / André Bargão / Aurélie Mayer / Bruno Zélie / Carlos Lima / Christelle Chouzenoux / Inês Henriques / Inês Pinto Coelho / José Lima / Patrícia Carvalho / Tiago Silva
- 2103 A antiga fortificação de Quelba / Khor Kalba (E.A.U.). Resultados de quatro campanhas de escavações, problemáticas e perspectivas futuras  
Rui Carita / Rosa Varela Gomes / Mário Varela Gomes / Kamyar Kamyad
- 2123 Colónias para homens novos: arqueologia da colonização agrária fascista no noroeste ibérico  
Xurxo Ayán Vila / José M<sup>a</sup>. Señorán Martín

# “PORTUCALEM CASTRUM NOVUM” ENTRE O MEDITERRÂNEO E O ATLÂNTICO: O ESTUDO DOS MATERIAIS CERÂMICOS ALTO-MEDIEVAIS DO ARQUEOSSÍTIO DA RUA DE D. HUGO, N.º. 5 (PORTO)

João Luís Veloso<sup>1</sup>

## RESUMO

Apresentamos neste artigo objetivos, metodologia e alguns resultados preliminares do trabalho que, desde 2019, temos vindo a desenvolver no âmbito da nossa tese de Mestrado. Concretamente, fazemos um resumo da primeira fase do estudo, que incidiu na classificação da coleção de cerâmica comum proveniente dos níveis ocupacionais alto-medievais do arqueossítio da rua de D. Hugo, nº 5, localizado em pleno centro histórico da cidade do Porto.

**Palavras-chave:** Arqueologia Urbana, Noroeste Peninsular, Período Suevo-Visigótico, Cerâmica Comum.

## ABSTRACT

In the following article, we present the objectives, methodology, and preliminary results of the work that, since 2019, we have been developing in the context of our Master's thesis. Concretely, we summarize the first phase of this work, which focused on the classification of the coarse ware assemblage collected from the Early Medieval strata of the “Rua de D. Hugo, No. 5” archaeological site, located in the historic centre of the city of Porto.

**Keywords:** Urban Archaeology, Northwest Iberia, Suebi-Visigothic Period, Coarse Ware.

## 1. INTRODUÇÃO

O conhecimento do passado suevo-visigótico da cidade do Porto é ainda condicionado por uma série de incógnitas que urge solucionar. Ainda que as fontes documentais sejam algo tácitas, comprovam, nos séculos imediatamente ulteriores ao ocaso do domínio romano da Península Ibérica, acontecimentos na cidade que não podemos descurar. Refira-se a menção na *Divisio Theodemiri* – ou “Paroquial Suevo” – a este núcleo urbano, que é descrito como “*Portugalesem in castro novo*”, em oposição ao “*Portucale castrum antiquum*” localizado na margem sul do Douro (Real & Silva, 2018, p. 205). Ainda que não seja pertinente que aqui nos alonguemos sobre a antiga problemática da localização do povoado origi-

nal de *Cale*, não deixa de ser significativa a oposição entre um núcleo “antigo”, em oposição ao “novo”. Com efeito, foi esta designação o que levou vários autores, como Pierre David, a defender a existência de uma fundação (ou, mais provavelmente, refundação) sueva do atual centro histórico (*Ibidem*). De resto, a importância da cidade do Porto para as elites suevas está patente na Crónica de Idácio de Chaves, que refere que, após ter sido derrotado às mãos de Teodorico nas margens do rio Órbigo, o rei Requiário se terá refugiado no *castrum* do Porto, onde viria a ser capturado (Mattoso, 1992, p. 308). Também no Porto seria assassinado o seu sucessor Agiulflo, quando um novo potentado, Maldras, *Portucale castrum idem invadit* (Silva, 1994, p. 99). O conhecimento do passado alto-medieval da cida-

1. Instituto de Estudos Medievais, NOVA-FCSH; joaoveloso.arch@outlook.pt

de viria a ser revigorado, porém, com as escavações do Morro da Sé, entre 1984 e 1986, que, pela primeira vez, puseram à superfície o núcleo populacional primitivo da cidade, ocupado durante uma longa sequência estratigráfica desde a Proto-História à Contemporaneidade (Real & *alii*, 1985/86; Silva, 2000, p. 136).

Um dos arqueossítios intervencionados nessa escavação foi o domicílio sediado na Rua de D. Hugo, nº. 5, nas traseiras da Sé Catedral, debruçando-se sobre a atual avenida Vímara Peres. Ainda que neste sítio não se tenham encontrado estruturas do período suevo-visigótico, foi identificada uma camada de incêndio, caracterizada por uma abundância de fragmentos de telha, pedra miúda e cinzas, decorrentes do abatimento de um telhado. Pela sua posição relativa e *facies* cerâmico – “não se tratando de cerâmica de fabrico romano e distanciando-se largamente das cerâmicas da Reconquista ou posteriores” – esta camada estratigráfica foi datada pelos responsáveis pela escavação como correspondendo ao período suevo-visigótico (Real & *alii*, 1985/86, p. 31).

Em 2019, ano em que se assinalava o 35º aniversário das escavações do Morro da Sé, propusemo-nos a retomar o estudo dos materiais exumados desta escavação, até então depositados nos Serviços de Arqueologia da Câmara Municipal do Porto, no âmbito da nossa tese de Mestrado<sup>2</sup>, trabalho que continua em curso. O nosso objetivo era reinterpretar esta coleção à luz do conhecimento que se produziu nas últimas três décadas e meia acerca dos ritmos de produção, consumos e comércio do Noroeste Peninsular durante a Alta Idade Média. Nas páginas seguintes elencamos alguns dos resultados preliminares da primeira fase deste trabalho.

## 2. O CONJUNTO CERÂMICO

A cerâmica é a matéria-prima mais abundante entre os materiais da Rua de D. Hugo, nº. 5, constituindo 99,6% do conjunto total. O conjunto de começámos por estudar divide-se em cerâmica comum (96,4%), *terra sigillata* variada (0,8%), fragmentos de ânfora (2,6%) e cerâmica cinzenta fina (0,2%). Neste artigo apresentamos as formas, técnicas de fabrico e caracte-

terísticas da cerâmica comum, uma vez que, devido à sua incomparável quantidade, foi por ela que principiámos o estudo.

Ao abrir os contentores dos materiais e separar as diversas Unidades de Depósito, a primeira conclusão que pudemos tirar foi que a coleção estava altamente fragmentada. De facto, embora dispuséssemos de 6874 fragmentos de cerâmica comum, apenas 22 se verificaram elegíveis para constituir o Número Mínimo de Indivíduos (NMI). Adotámos os preceitos utilizados por Tente, Lantes e Prieto para o estudo da cerâmica alto-medieval da região do Alto Mondego (2014, pp. 110-113) contando como indivíduos apenas fragmentos cerâmicos em que se conservassem pelo menos 5 cm do bordo. Este número é naturalmente deflacionado, mas evidencia bem o fraco estado de conservação das peças, que se manifestam em fragmentos muito pequenos, frequentemente com menos de 35 mm.

Para colmatar esta escassez de peças individualizadas, acrescentámos ao NMI um conjunto secundário, a que chamámos Número Mínimo Alargado (NMA). Para este último, tivemos em conta todos os fundos que se conservavam, assim como os bordos cujas dimensões não permitiam integrar o NMI. Assim, ficámos com um número total de 285 bordos (NMI+NMA) e 84 fundos. Identificámos igualmente 23 fragmentos de asas, assim como 8 bojós em que se conservava o arranque das mesmas. Extremamente raros são perfis completos – apenas dois, que constituem 0,03% do conjunto de cerâmica comum (Figura 1).

Como nos interessava sobretudo o período suevo-visigótico para este trabalho, começámos por nos restringir ao já referido nível de incêndio, a denominada camada 6. Todavia, para que melhor pudéssemos entender a diacronia do sítio, estudámos também as duas camadas que lhe eram imediatamente adjacentes: a camada 5 (e a sua subcamada 5a) e a camada 7 (assim como as 7a, 7b e 7c).

Concluímos imediatamente que estas camadas, embora bem definidas, eram altamente permeáveis, tendo-se inclusivamente identificado fragmentos da mesma peça em camadas distintas. Tanto na camada 6 como na 7, que a cerâmica fina data como baixo-imperial, encontrámos inclusivamente fragmentos de produções castrejas, de pastas muito micáceas e cozedura redutora, que, desavisadamente, poderiam ser confundidas com produções mais tardias.

Não obstante esse pormenor, conseguimos separar

---

2. Veloso, J. L. (em curso). *Ocupação e consumos no Porto através do arqueossítio da Rua de D. Hugo, nº. 5 (séculos V-VIII)*. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

os diversos fragmentos por camada, como sistematizamos na Figura 2.

No que diz respeito a tipologias formais, verificamos, em todas as camadas, a coexistência de formas abertas (pratos, taças, alguidares) e fechadas (potes-panels e jarros) (Figura 3).

Os pratos caracterizam-se por serem formas quase planas, de bordos redondos. Têm entre 10 e 22 cm de diâmetro máximo, e não apresentam decoração. São a segunda forma mais frequente, contando com um total de 12 indivíduos, e surgem nas três camadas estratigráficas principais.

As taças são peças de dimensões reduzidas, de perfil oblíquo, que apresentam bordos redondos ou biselados. Têm entre 11 e 20 cm de diâmetro máximo. Contam apenas com 5 indivíduos, divididos pelas camadas 6 e 7.

Os alguidares são formas particulares, que se reconhecem pelas paredes espessas, retas e oblíquas. Têm bordos redondos ou espessados. Uma vez que não se conservam os seus perfis inteiros, foram identificados pela espessura dos bordos e diâmetro máximo, compreendido entre os 20 e os 36 cm. Dada a dificuldade de identificação que o grau de fragmentação comporta, talvez o número que propomos, 4 indivíduos, esteja aquém do total real. Estão presentes nas camadas 5, 6 e 7.

Contamos apenas com um exemplar de jarro (n<sup>o</sup> 2011), que foi classificado como tal devido ao seu característico bordo, dotado de bico vertedor. A partir de um só fragmento de bordo não nos é fácil reconstituir o seu perfil, mas acreditamos que fosse uma forma estreita, eventualmente dotada de uma asa.

Finalmente, a forma mais frequente é o pote-panela, representando 59% das morfologias cerâmicas identificadas. Utilizamos este termo para a designar pois o que distingue um pote de uma panela é a sua finalidade. Como apenas contamos com bordos, não podemos tirar conclusões acerca de se as peças eram levadas ao lume (panels) ou eram meramente contentores para armazenamento (potes). Pela mesma razão não podemos inferir muito acerca do desenho do seu perfil. Concluímos, todavia, que são peças estranguladas, sendo que por vezes se conserva ainda um perfil em S. Têm bordos extrovertidos, geralmente redondos, com diâmetro máximo entre 9 e 18 cm. Contamos com 33 indivíduos, que estão dispersos pelas camadas 5, 5a, 6, 7 e 7c.

### 3. AMBIENTES DE COZEDURA

O segundo critério de análise a que nos propusemos nesta primeira fase de trabalho diz respeito às técnicas de fabrico da cerâmica. Concretamente, quisemos perceber se havia diferenças entre os ambientes de cozedura das cerâmicas de umas e outras camadas. Tal como se pode verificar na Figura 4, há uma alteração considerável da proporção entre cerâmicas cozidas em ambientes oxidantes e redutores. Após um período de relativo equilíbrio entre as duas técnicas, expresso nas camadas 7 (40,9% vs. 34%), 6 (35,1% vs. 36,2%) e 5a (39,2% vs. 37,3%), comprova-se um aumento considerável das colorações reductoras, que na camada 5 se assumem como preponderantes (56,9%).

A estes dois tipos de cozedura, acrescentam-se ainda as peças executadas em ambiente oxidante-reductor e reductor-oxidante. É de salientar, todavia, que não raramente nos deparámos, nas camadas 5, 5a e 6, com peças de cozeduras “mistas” que talvez tenham adquirido esta coloração não por desígnio do oleiro, mas devido a um mau controlo das condições de cozedura dos fornos. Com efeito, estas peças revelam verdadeiras “manchas” mais escuras ou claras, que não nos parecem intencionais, devido à sua irregularidade.

### 4. DECORAÇÃO

Embora não sejam muito visíveis nas peças do NMI e do NMA, existem na coleção diversas formas de decoração, que se identificaram em todas as camadas, à exceção da 7a e da 7b. Por essa razão, alargámos o universo de estudo a todos os fragmentos cerâmicos com marcas de decoração, num total de 113 itens (Figura 5).

A forma de decoração mais predominante é a incisão, presente em quantidade e em todas as camadas estratigráficas. Esta assume geralmente a forma de bandas horizontais, paralelas ao bordo, em grupos de duas ou três linhas.

A segunda técnica mais frequente é a canelura, obtida através da moldagem de bandas em relevo, transversais ao eixo de simetria da peça. Verificamos uma grande representação deste tipo decorativo nas camadas baixo-imperiais (7 e 7c), onde é o modelo decorativo proeminente.

Na camada 6, contudo, surgem pela primeira vez os cordões plásticos, que estão igualmente presen-

tes nas camadas subsequentes. Ao invés de serem moldados a partir do barro originário da peça, estes são aplicados posteriormente à sua rodagem na superfície do bojo, e são frequentemente decorados com digitações. Este parece-nos o motivo decorativo alto-medieval por excelência, que parece multiplicar-se ao longo deste período: constitui 11,6% das formas decorativas da camada 6, 28,5% da camada 5a, e 33,3% da camada 5. O número reduzido de fragmentos decorados patentes nestas últimas duas camadas, todavia, leva-nos a olhar para estas percentagens com cautela.

A camada 6 constitui também o último testemunho de cerâmica pintada, que surge de igual forma nas camadas 7 e 7c. A pintura manifesta-se em listas irregulares, em tons de ocre e branco, aplicados sobre pastas beges, de cozedura oxidante.

O último motivo decorativo que identificámos é a punção. Dada a sua baixa quantidade – 2 fragmentos – e uma vez que surgem em duas camadas díspares que, à partida, nada têm em comum, é difícil tirar conclusões acerca da evolução deste motivo decorativo.

Tendo em conta que todos os motivos decorativos acima enumerados surgem em bojós isolados, muito fragmentados, não nos foi possível fazer corresponder diferentes formas de decoração a variadas morfologias de peças.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em jeito de conclusão, gostaríamos de fazer duas advertências e assinalar perspectivas para o futuro.

Em primeiro lugar, lembramos que os dados aqui expostos são resultado de uma fase ainda inicial do estudo da coleção, representando somente uma parte, ainda que numerosa, da mesma. Para uma completa e rigorosa interpretação do sítio arqueológico, será, portanto, necessário acrescentar à sua leitura os dados que o estudo da cerâmica fina e de transporte nos fornecerão. Aliás, esses materiais têm a mais-valia de nos fornecerem informações que a cerâmica dita comum não consegue fornecer. A título de exemplo, refiram-se a possibilidade de afinar cronologias, através da classificação morfotipológica da *terra sigillata*, e a identificação da proveniência de importações, patente nas formas das ânforas.

Em segundo lugar, gostaríamos de lembrar que o arqueossítio da rua de D. Hugo, nº. 5, apesar da sua já comprovada importância, é apenas um vislumbre

do passado arqueológico da cidade. Com efeito, estamos a falar de um espaço com pouco mais de 100 m<sup>2</sup> de área, o que, naturalmente, condiciona a leitura do registo arqueológico.

Talvez por isso se comprove a necessidade de desenvolver mais estudos deste género, que tenham como objetivo, em primeiro lugar, estudar em profundidade os conjuntos de materiais de sítios arqueológicos portuenses, frequentemente votados ao esquecimento. Para além disso, achamos necessário dotar a arqueologia alto-medieval do Porto de um fio condutor coeso, que interrelacione os diversos contextos de modo a que se possa obter uma visão de todo do passado da cidade.

## BIBLIOGRAFIA

MATTOSO, José, ed. (1992) – *História de Portugal: Primeiro Volume*. Lisboa: Círculo de Leitores.

ORTON, Clive; HUGHES, Michael (2013) – *Pottery in Archaeology: Second Edition*. Cambridge: Cambridge University Press.

REAL, Manuel Luís; TÁVORA, Maria José; OSÓRIO, Maria Isabel Pinto; TEIXEIRA, Filipe Fernando (1985/86) – Escavações Arqueológicas no Morro da Sé. *Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto. Série II. 3/4.

REAL, Manuel Luís; SILVA, António Manuel (2018) – *Porumcalem Castrum Novum* na época sueva. In LÓPEZ QUIROGA, Jorge, ed. – *In Tempore Sueborum: El tiempo de los Suevos en la Gallaecia (411-585)*. Ourense: Armonía Universal, pp. 205-210.

SILVA, António Manuel (2000) – Rua D. Hugo, 5: um arqueossítio fundador. *Almadan*. Almada. Série II. 9, pp. 136-137.

SILVA, Armando Coelho da (1994) – Origens do Porto. In RAMOS, Luís de Oliveira, ed. – *História do Porto*. Porto: Porto Editora, pp. 45-117.

TENTE, Catarina; LANTES, Óscar; PRIETO, Pilar (2014) – A produção cerâmica dos séculos IX a XI na região do Alto Mondego (Portugal). In DE MAN, Adriaan; TENTE, Catarina, eds. – *Estudos de Cerâmica Medieval: O Norte e Centro de Portugal, séculos IX a XII*. Lisboa: IEM – Instituto de Estudos Medievais, pp. 109-140.

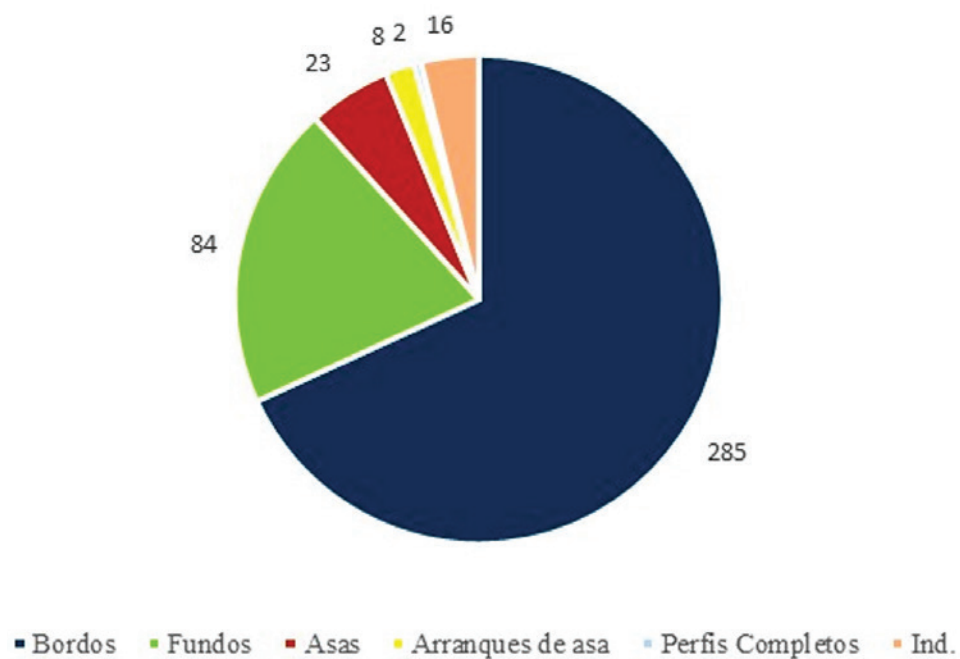


Figura 1 – Contabilização da cerâmica comum.

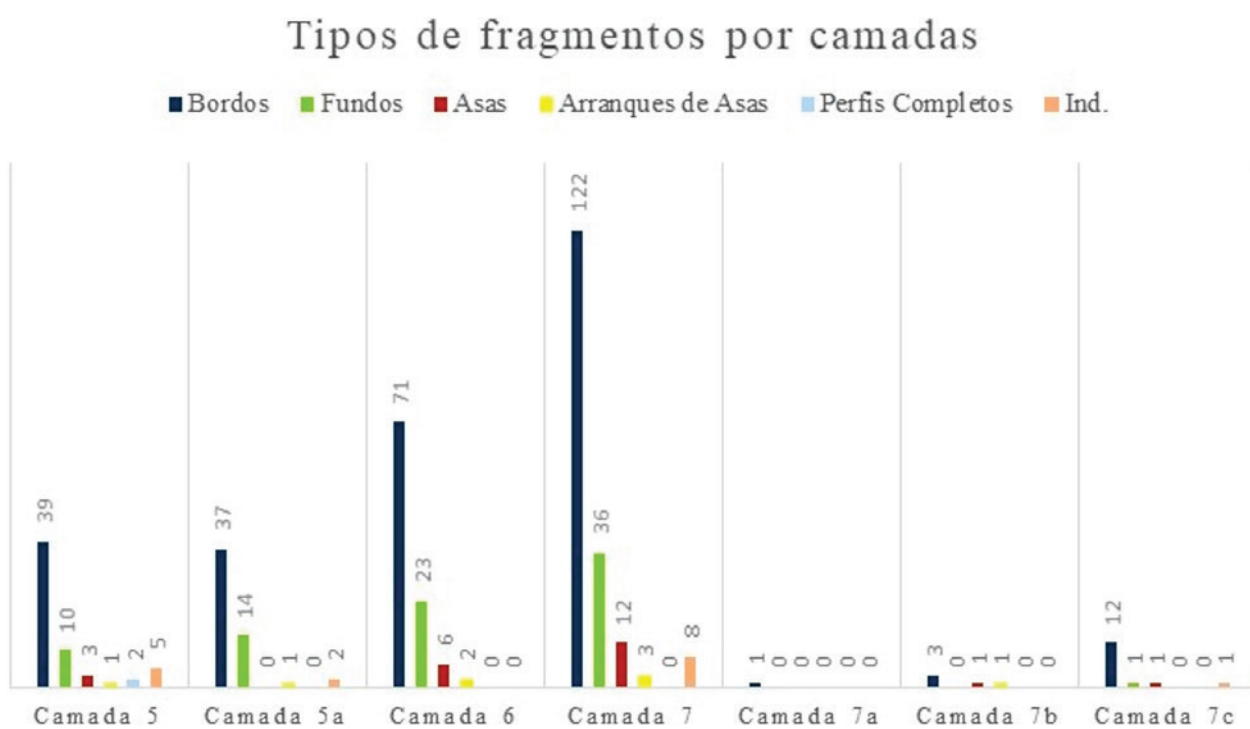


Figura 2 – Contabilização de tipos de fragmentos por camadas estratigráficas.

### Classificação morfológica

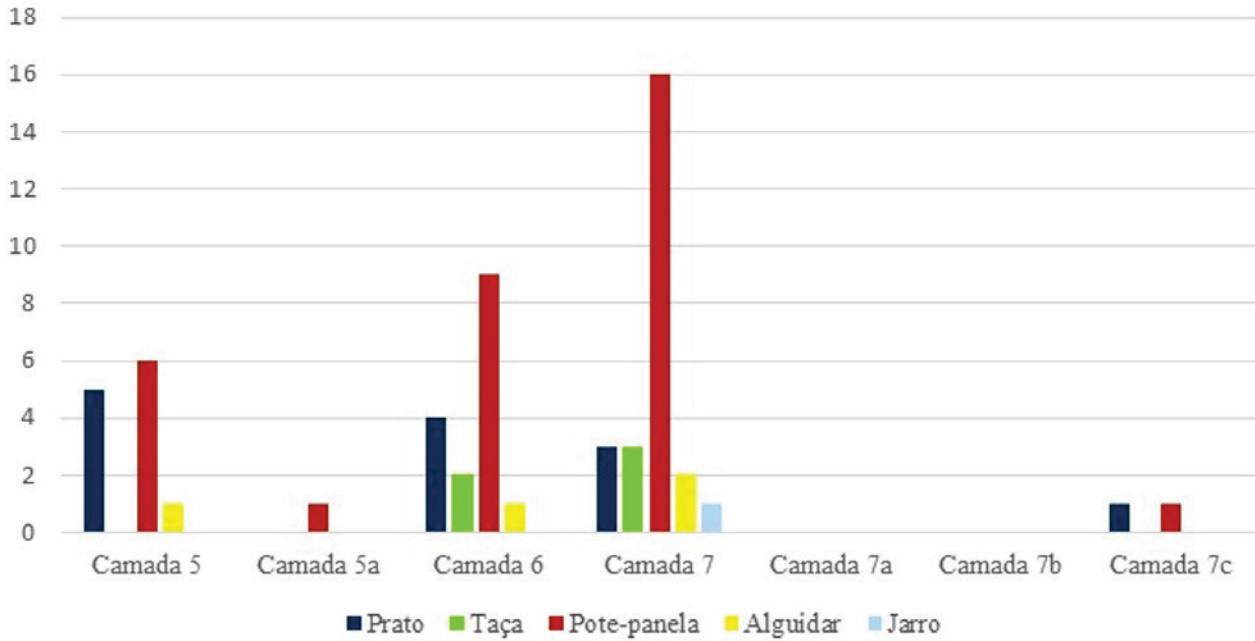


Figura 3 – Classificação morfológica.

### Tipos de cozedura

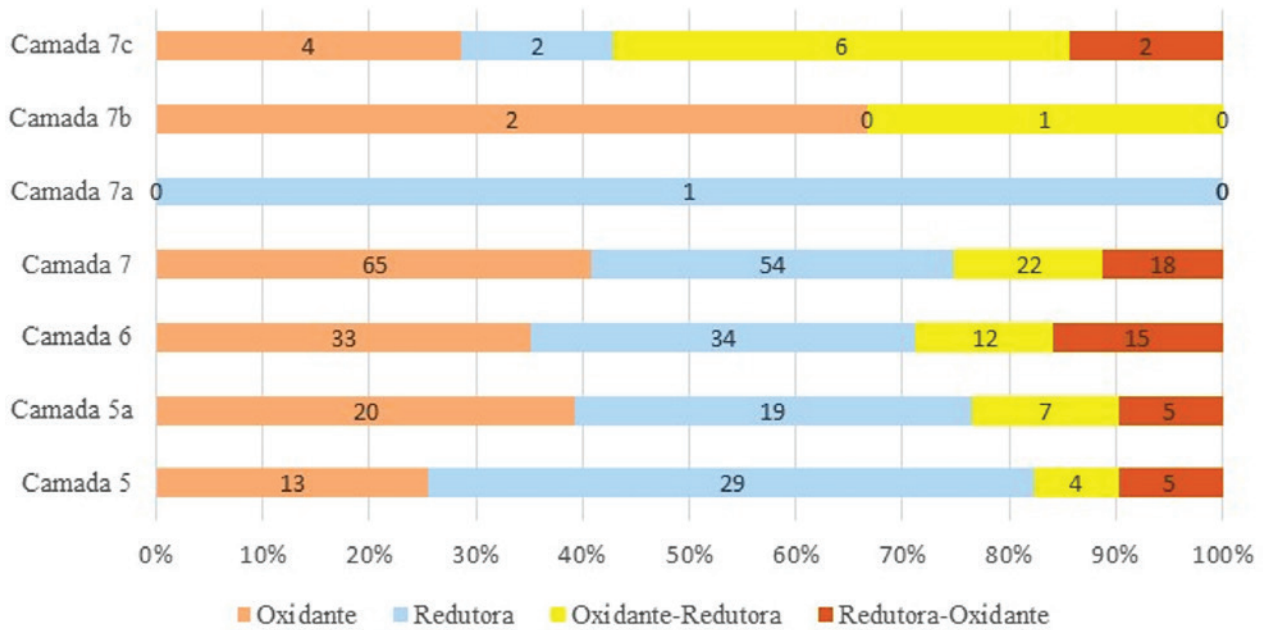


Figura 4 – Tipos de cozedura.

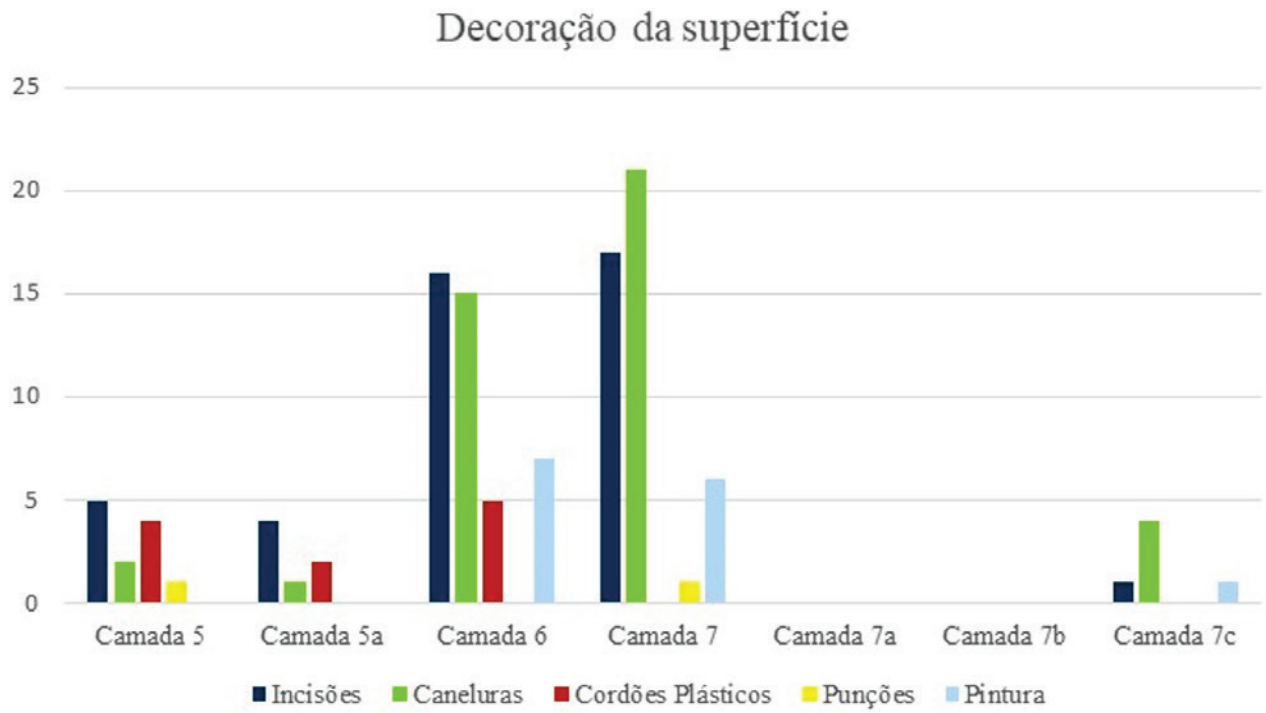


Figura 5 – Decoração da superfície.



**AAP**  
ASSOCIAÇÃO  
DOS ARQUEÓLOGOS  
PORTUGUESES

**MAC**  
MUSEU  
ARQUEOLÓGICO  
DO CARMO

**CITCEM**  
CENTRO DE INVESTIGAÇÃO TRANSDISCIPLINAR  
CULTURA, ESPAÇO E MEMÓRIA

**FCT** Fundação  
para a Ciência  
e a Tecnologia

**U** PORTO  
FLUP FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DO PORTO

Apoio:

**musaji**  
Associação de Amadores do Museu de Penafiel

